Globethics Repository



A ação parabólica da escolha dos doze (Mc3.13-19) [The parabolic action of the choosing of the twelve (Mk3.13-19)]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Kunz, Claiton André
Publisher	Faculdade Batista Pioneira
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-01 02:52:55
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233987

Este artigo é parte integrante da
http://revista.batistapioneira.edu.br/
Revista
Batista Pioneira
Bíblia, Teologia e prática
online - ISSN 2316-686X
impresso: ISSN 2316-462X

A AÇÃO PARABÓLICA DA ESCOLHA DOS DOZE (Mc 3.13-19)

THE PARABOLIC ACTION OF THE CHOOSING OF THE TWELVE (Mk 3.13-19)

Claiton André Kunz[1]

RESUMO

Jesus utilizou diferentes métodos de ensino durante o seu ministério. Um destes foi o método das ações parabólicas, nos mesmos moldes das ações simbólicas dos profetas do Antigo Testamento. A presente pesquisa analisa a escolha dos doze discípulos de Jesus, de acordo com o relato do evangelista Marcos, dentro da perspectiva de uma ação parabólica, procurando encontrar respostas à questão do significado desta ação.

Palavras-chaves: Ação parabólica. Jesus. Discípulos. Doze.

ABSTRACT

Jesus used different teaching methods during his ministry. One was the method of parabolic actions, in a similar fashion to the symbolic actions of the prophets in the Old Testament. This research analyzes Jesus' choosing of the twelve disciples, according to the account of the Evangelist Mark, from the perspective of a parabolic action. In addition, it seeks to answer the question regarding the action's meaning.

Keywords: Parabolic action. Jesus. Disciples. Twelve.

[1] O autor é graduado em Teologia e Filosofia. Possui mestrado (livre) em Novo Testamento, mestrado e doutorado em Teologia (Bíblia). É diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira e professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Batista do Paraná. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas seguiram a Jesus durante o seu ministério. Algumas o faziam pela fé que tinham no Mestre, outros apenas por interesse pessoal buscando alguma vantagem. Mas chegou um momento em que Jesus escolheu um grupo específico dentre a multidão de seguidores. O que está por trás desta escolha? Há algum significado especial nesta ação?

1. TEXTO BÍBLICO DA ESCOLHA DOS DOZE

1.1 Visão geral do texto

Marcos, assim como os demais evangelistas, relata a escolha dos doze discípulos. Ele menciona este acontecimento logo após a narração de uma série de curas, pessoas possessas sendo libertadas, uma multidão sedenta e o início da oposição dos fariseus a Jesus. Hendriksen informa que esta transição é muito natural dentro do texto de Marcos, pois a hostilidade dos líderes religiosos começou a tornar-se tão amarga (3.6) que a cooperação com eles tinha se tornado impossível: chegou a hora em que o povo de Deus precisava se organizar separadamente.[2] Para Mateos e Camacho, com a ação da escolha dos doze "Jesus toma uma iniciativa radical e consuma um cisma".[3]

Mulholland é da opinião de que a "decisão de Jesus de escolher os doze é uma das decisões mais cruciais da história",[4] tendo em vista que Jesus não escreveu livros, não edificou monumentos e nem construiu instituições. Mesmo assim, a sua ação de escolher estes doze discípulos revolucionou a história.

Bruce também concorda que a escolha dos discípulos constitui-se num marco histórico nos evangelhos. Para este autor, com a escolha podemos dividir o ministério de Jesus em duas porções, quase iguais quanto à sua duração, mas diferentes quanto à extensão e importância do trabalho feito em cada parte. Na primeira, Jesus trabalhou sozinho e numa área mais limitada. Na segunda, quando os discípulos haviam sido escolhidos, o trabalho do Reino assumiu dimensões tais que demandou organização e divisão de tarefas.[5]

Com certeza, o momento da escolha foi uma situação de crise no ministério de Jesus, a ponto de Lucas informar que Ele passou a noite inteira em oração a Deus (Lc

[2] HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary**: the gospel of Mark. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976. p. 122.
[3] MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998. p. 117.
[4] MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. p. 70.
[5] BRUCE, A. B. **The training of the twelve**. Grand Rapids: Kregel Publications, 1974. p. 29.

6.12).[6] Por que foram escolhidos doze discípulos entre os seguidores de Jesus? Por que não foram quatorze, dezessete, nove, vinte e um, ou qualquer outro número? Por que aqueles homens e não outros? Por que todos aqueles? Por que apenas aqueles? France lembra que doze pessoas formavam um grupo cuja logística seria facilmente administrada, podendo inclusive viajar num pequeno barco de pesca.[7] Será que este seria o motivo da escolha do número doze?

Entretanto, muitos comentaristas acreditam que por trás desta decisão de Jesus há algo mais profundo, cujo significado implica questões bem mais complexas. Carlos Bravo, por exemplo, não hesita em afirmar que a decisão de Jesus era um "gesto simbólico de profundo sentido messiânico, no qual todos os que compreendessem Jesus começariam algo novo".[8]

Qual o sentido deste gesto simbólico? A escolha dos doze pode ser considerada uma ação parabólica? E se for, qual o seu significado? Esta será a tarefa deste artigo.

1.2 Delimitação do texto

A perícope da escolha dos doze discípulos pode ser delimitada dos versículos 13 a 19 do capítulo 3 de Marcos. Podemos perceber que esta perícope começa no versículo 13 a partir dos seguintes indicadores:

a) Há uma mudança de espaço: enquanto o versículo 7 indica que Jesus havia ido para "os lados do mar", o versículo 13 afirma que Jesus "subiu ao monte". Esta mudança de espaço mostra que um novo tema será desenvolvido.

b) Personagens: enquanto na perícope anterior a multidão e até os espíritos imundos aparecem como centro do episódio, estes personagens desaparecem e dão lugar exclusivo para Jesus com os seus doze discípulos escolhidos.

c) Campo semântico: os versículos 13 a 19 têm um grupo de palavras comuns que dão unidade para a perícope. As palavras "chamar", "vir", "designar", "enviar" e "exercer" fazem parte deste campo semântico. Também a própria lista dos nomes dos discípulos escolhidos pode ser considerada como campo semântico da perícope.

Após a listagem dos nomes dos discípulos escolhidos (v. 19), a perícope se encerra, pois logo no versículo seguinte percebe-se o início de um novo tema:

a) Há uma nova mudança de espaço, pois do monte em que estavam agora Jesus

[6] ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**: Mateo y Marcos. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988. v. 1, p. 288.
[7] FRANCE, R. T. **The gospel of Mark**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 2002. p. 159.
[8] GALLARDO, Carlos Bravo. **Galileia ano 30**: para ler o Evangelho de Marcos. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 44.

entra em uma casa, embora não seja mencionada qual seja esta casa. Mesmo assim, percebe-se uma mudança para uma nova perícope.

b) A multidão que havia estado ausente na perícope da escolha dos doze reaparece já no versículo 20, mostrando que o tema muda novamente.

Assim, parece estar claro que dos versículos 13 a 19 temos uma perícope que gira em torno de um único tema.

1.3 Crítica textual

A perícope da escolha dos doze apresenta variantes textuais em três versículos. As variantes do versículo 14, conforme o *The greek New Testament*, são:

> δώδεκα, οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν, ἵνα ὦσιν μετ' αὐτοῦ (*see* Lk 6.13) ℵ B (C* *transpose* δώδεκα *after* ὠνόμασεν) Θ *f*[13] (28 ὦσιν περὶ αὐτόν) syr[hmg] cop[samss, bo] //
>
> δώδεκα ἵνα ὦσιν μετ' αὐτοῦ A C[2] (D ἵνα ὦσιν δώδεκα) L *f*[1] 33 157 180 205 565 579 597 (700 ὦσιν περὶ αὐτόν) 892 1006 1010 1071 1241 1243 1292 1342 1424 1505 2427 *Byz* [E F G H P Σ] *Lect* (*l* 68 *l* 76 *l* 673 *l* 813 *l* 1223 δέκα) it[b, e, f, q] (it[a, aur, c, d, ff2, i, l, rl, t] vg Augustine ἵνα ὦσιν δώδεκα) syr[s, p, h] cop[sams] arm geo[2] slav //
>
> δώδεκα μαθητὰς ἵνα ὦσιν μετ' αὐτου οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν W (D μετ' αὐτοῦ δώδεκα *but omit* μαθητάς) geo[1]

A primeira leitura afirma: "doze, os quais também chamou de apóstolos, para que estivessem com ele". Esta leitura é atestada pelo Códice Sinaítico e pelo Códice Vaticano. O Códice Efraimita também concorda com esta leitura, fazendo apenas a transposição do termo "doze" para depois do verbo "chamar". O manuscrito Θ e a Família 13, bem como as versões Siríaca Heracleana (variante de margem) e Copta (Boáirica e alguns manuscritos da Saídica) também atestam esta leitura. O minúsculo 28 altera ainda a parte final de ὦσιν μετ' αὐτου para ὦσιν περὶ αὐτόν (de "estarem com ele" para "estarem ao redor dele"); esta variante não altera significativamente o texto e é atestada apenas por um manuscrito minúsculo.

A segunda leitura variante omite a frase "os quais também chamou de apóstolos". Esta omissão é apresentada no manuscrito Alexandrino, no manuscrito Efraimita (um corretor), no manuscrito L, na Família 1, em diversos manuscritos minúsculos, nos textos Bizantinos, em vários lecionários e também nas versões Antiga Latina (manuscritos b, e, f, q), Siríaca (Sinaítica, Peshita e Heracleana), Copta (manuscrito Saídico), Armênia, Geórgica (segundo revisor) e Eslava.

O manuscrito W e a versão Geórgica 1 acrescentam o termo "discípulos" logo após o número doze, e transpõem a expressão "os quais chamou de apóstolos" para depois de "para estarem com ele". Nesta leitura, o texto ficaria assim: "Doze discípulos para estarem com ele, os quais também chamou de apóstolos".

Os editores do *The greek New Testament* optaram por atribuir a letra C para o grau de originalidade do texto assumido (primeira leitura). Provavelmente a leitura foi assumida com base na leitura do paralelo em Lucas 6.13, o qual menciona que os doze foram chamados de apóstolos, não havendo ali variantes. De fato, a decisão entre as variantes, analisando-se apenas o peso dos manuscritos de cada leitura, fica um tanto difícil. A comparação do paralelo de Lucas auxilia para que a expressão "os quais chamou de apóstolos" seja mantida.

Já o versículo 16 apresenta as seguintes variantes:

καὶ ἐποίησεν τοὺς δώδεκα καί ℵ B C* Δ 565 579 (1342 *omit* τούς) cop^{sams} //

καὶ A C^{2} D L Θ f^{1} 28 33 157 180 205 597 700 892 1006 1010 1071 1241 1243 1292 1424 1505 2427 *Byz* [E F G H P Σ] *Lect* it$^{aur, b, d, f, ff2, i, l, q, rl, t}$ vg syr$^{s, p, h}$ cop^{bo} arm geo slav Augustine //

πρώτον Σίμωνα καί f^{13} cop^{samss} //

καὶ περιάγοντας κηρύσσειν τὸ εὐαγγέλιον. καί W it$^{a, c, e}$ vg^{mss}

Neste versículo, a variante diz respeito à repetição da expressão καὶ ἐποίησεν τοὺς δώδεκα ocorrida no verso 14. Poderia ser apenas um descuido dos copistas, repetindo indevidamente a expressão e, por isso, o manuscrito Alexandrino, Efraimita (2), D, L, Θ, a Família 1, vários minúsculos, lecionários e versões como a Antiga Latina (manuscritos aur, b, d, f, ff2, i, l, q, rl, t), Vulgata, Siríaca (Sinaítica, Peshita e Heracleana), Copta (Boáirica), Armênica, Geórgica e Eslava, além de Agostinho, não apresentam esta repetição.

Entretanto, o manuscrito Sinaítico, Vaticano, C*, Δ e alguns manuscritos da versão Copta Saídica apresentam a repetição. Champlin afirma que "a cláusula parece ser necessária a fim de apanhar o fio da meada do vs. 14, após o parêntesis ἵνα... δαιμόνια".[9]

A Família 13 e alguns manuscritos da versão Copta Saídica apresentam a expressão πρώτον Σίμωνα και (*primeiro Simão e*). Esta leitura parece ser uma harmonização de Mateus 10.2, mas é muito pouco atestada para ser levada a sério. De forma semelhante,

[9] CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 1, p. 681.

a variante καὶ περιάγοντας κηρύσσειν τὸ εὐαγγέλιον (*e levou consigo para pregar o evangelho*), atestada pelo manuscrito W e por alguns manuscritos da versão Antiga Latina e outros da Vulgata, não parece ser original neste contexto.

Os editores do *The greek New Testament* atribuem a letra C para a primeira leitura. Isso faz com que várias traduções mantenham a cláusula entre colchetes. De qualquer forma, como afirmou Champlin, a retomada do tema dos doze parece tornar necessária a repetição.

O versículo 18 desta perícope apresenta as seguintes variantes, de acordo com o *The greek New Testament*:

> καὶ Θαδδαῖον (*see* Mt 10.3) ℵ A B C L Δ^{c} (Δ* Ταδδαῖον) (Θ omit καί) f^{1} f^{13} 28 33 157 180 205 565 579 700 892 1006 1010 1071 1241 1243 1292 1342 1424 1505 2427 *Byz* [E F G H Σ] *Lect* it$^{aur, c, f, l}$ vg syr$^{s, p, h}$ cop$^{sa, bo}$ arm eth geo slav Origen$^{gr, lat}$ //
>
> καὶ Λεββαῖον D it$^{a, b, d, ff2, i, q, r1}$ //
>
> *omit* W it^{e}

Este versículo apresenta uma variante quanto ao nome Tadeu, dentre os doze escolhidos. Enquanto uma ampla maioria de manuscritos (unciais, minúsculos, lecionários e versões) atestam o nome Θαδδαῖον, apenas o manuscrito D e algumas versões da Antiga Latina apresentam Λεββαῖον. O uncial W e a versão Antiga Latina (manuscrito e) omitem tanto um quanto o outro nome, mas provavelmente tenha sido uma omissão acidental, tendo em vista que a soma dos nomes não chega a doze. Como o próprio *The greek New Testament* confirma (atribuindo a letra A para a primeira leitura), podemos ter o nome Tadeu como original.

1.4 Tradução do texto

O texto grego de Marcos 3.13-19, segundo o *The greek New Testament*, é:

> Καὶ ἀναβαίνει εἰς τὸ ὄρος καὶ προσκαλεῖται οὓς ἤθελεν αὐτὸς, καὶ ἀπῆλθον πρὸς αὐτόν. καὶ ἐποίησεν δώδεκα [οὓς καὶ ἀποστόλους ὠνόμασεν] ἵνα ὦσιν μετὰ αὐτοῦ καὶ ἵνα ἀποστέλλῃ αὐτοὺς κηρύσσειν καὶ ἔχειν ἐξουσίνα ἐκβάλλειν τὰ δαιμόνια· [καὶ ἐποίησεν τοὺς δώδεκα], καὶ ἐπέθηκεν ὄνομα τῷ Σίμωνι Πέτρον, καὶ᾽Ιάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ᾽ Ιωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ ᾽Ιακώβου καὶ ἐπέθηκεν αὐτοῖς ὀνόμα[τα] Βοανηργές, ὅ ἐστιν υἱοὶ Βροντῆς· καὶ᾽Ανδρέαν καὶ Φίλιππον καὶ Βαρθολομαῖον καὶ Μαθθαῖον καὶ Θωμᾶν καὶ᾽Ιάκωβον τὸν τοῦ Αλφαίου

καὶ Θαδδαῖον καὶ Σίμωνα τὸν Καναναῖον καὶ᾽ Ιούδαν᾽ Ισκαριώθ, ὅς καὶ παρέδωκεν αὐτόν.[10]

Por razões de espaço, não será possível transcrever aqui toda a análise léxica das palavras do texto. Portanto, será dada apenas a tradução final:

> E (Jesus) sobe para o monte e chama para si os que ele queria, e foram até ele. E fez (designou) doze [os quais também chamou de apóstolos] para que estivessem com ele e para que os enviasse para pregar e para terem autoridade para expelir os demônios; e designou os doze: Simão, em quem pôs o nome Pedro, Tiago, filho de Zebedeu, e João irmão de Tiago, e pôs neles o nome Boanerges, que é Filhos do Trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, que também o traiu.

2. CONTEXTO DA ESCOLHA DOS DOZE

Na opinião de Anderson, Marcos localiza a perícope da escolha dos doze no início de uma nova seção do seu Evangelho. Com isso, lembra-nos de que o tema do discipulado era extremamente importante para ele.[11]

Boa parte dos estudiosos do Novo Testamento, em suas introduções, divide o Evangelho de Marcos em: Introdução (1.1-13), Atuação de Jesus na Galileia (1.14 - 6.6), Jesus em Peregrinação (6.7 - 10.52) e Jesus em Jerusalém (11.1 - 16.20).[12] Com poucas variações entre os autores, esta é a estrutura básica de Marcos.

Nesta estruturação literária, La Calle apresenta um interessante esboço em forma de quiasmo para uma parte do ministério de Jesus na Galileia, que ele denomina de "Natureza da comunidade" (3.13 - 6.16). O quiasmo é assim apresentado:

A - Constituição dos Doze (3.13-19)
  B - Jesus em sua própria casa (3.20-35)
    C - Manifestação de Jesus diante de seus discípulos (4.1-41)
      D - Manifestação de Jesus na Decápole (5.1-20)
    C' - Manifestação de Jesus diante de seus discípulos (5.21-43)
  B' - Jesus em sua pátria (6.1-6)
A' - Missão dos Doze (6.7-13).[13]

[10] ALAND, K. et al. (Edit.). **The greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.
[11] ANDERSON, Hugh. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. p. 115-116.
[12] MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010. p. 118-121.
[13] CALLE, Francisco de la. **Teologia de Marcos**. Tradução de José Raimundo Vidigal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 35.

É interessante notar, especialmente, a relação que existe entre a Constituição dos Doze (a) e a Missão dos Doze (a'). Nesta perícope correspondente do quiasmo (6.7-13), os discípulos executam justamente aquilo a que foram chamados na perícope da escolha dos doze (3.13-19): pregaram para que o povo se arrependesse e expulsaram muitos demônios com autoridade. Pode ser vista, portanto, como uma perícope de confirmação do chamado dos Doze.

De acordo com Schweizer, cada um dos evangelistas inclui o chamado dos doze num contexto diferente em sua composição. Marcos inclui o relato contrapondo-o ao pano de fundo da cegueira do mundo que aclamou Jesus e, então, rapidamente o rejeitou. Na opinião do autor, isto enfatiza o fato de que o início da compreensão pode ser produzido somente pela escolha soberana de Jesus e pelos seus atos de amor feitos em favor dos seus escolhidos.[14]

A fama de Jesus, que inicialmente havia se espalhado pela Galileia (cf. 1.28,39,45), agora se espalhou também para além dos limites da Palestina. O verso 8 do capítulo 3 informa que além das pessoas procedentes da Judeia, também estavam se achegando pessoas de Jerusalém, da Idumeia (do sul), das regiões do outro lado do Jordão (do leste) e dos arredores de Tiro e Sidom (do norte). É uma peregrinação "multirracial, multicultural e internacional". A resposta desses povos não judeus é imediata, peregrinando em direção à Galileia, para ouvir a mensagem de Jesus e ver as curas e exorcismos.[15]

Nos versos anteriores à perícope em questão, Jesus teve de tomar providências devido a esta multidão que o comprimia, pedindo inclusive que alguns discípulos lhe preparassem um pequeno barco (v. 9). Parece que o aumento desta massa de pessoas aglomeradas leva à percepção de que são necessários colaboradores para atender às necessidades das multidões. Jesus, portanto, designa os doze para serem seus cooperadores na obra, multiplicando assim o trabalho de suas mãos.[16]

Quanto ao contexto geográfico, o texto informa que Jesus estava nas cercanias do Mar da Galileia (cf. perícope anterior), e então sobe um monte, no qual ocorre a escolha dos doze. Robertson afirma que nenhum Evangelho informa o nome do monte, assumindo-se assim que seja um monte bem conhecido, provavelmente não muito longe do lago.[17]

[14] SCHWEIZER, Eduard. **The Good news according to Mark**. Atlanta: John Knox Press, c1970. p. 81.
[15] BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos**: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003. p. 70.
[16] GOULD, Ezra P. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark**. Edinburg: T. & T. Clark, 1969. p. 59.
[17] ROBERTSON, 1988, v. 1, p. 288.

Já Anderson lembra que a leitura grega sugere que Jesus subiu "para dentro da montanha" (εις τό ὄρος). Ele especula que se poderia adotar a sugestão de que o termo reflete o aramaico *tura*, com o sentido de "campo aberto", e que deveríamos pensar no "monte" não como um lugar específico, mas no sentido bíblico de "lugar onde Deus revela a Si mesmo e dá os Seus mandamentos".[18]

Guelich também afirma que, para Marcos, a expressão tem um significado mais teológico do que geográfico. Então, assim como no contexto do Antigo Testamento, o "monte" representa o lugar da revelação divina, um lugar perto de Deus. Chega a afirmar que, mais precisamente, o evento da escolha dos doze (no monte) representa uma tipologia com o Sinai, de acordo com o texto de Êxodo 19.3-6.[19]

Neste sentido, Pohl afirma que em ocasiões assim a "geografia claramente se desvanece e exemplos do AT aparecem". Informa então que 19 vezes, no Antigo Testamento, "subir a montanha" equivale a "aproximar-se de Deus" e a "Deus encontrar-se com os seus servos". Alista ainda os textos de Êxodo 19.2,12,13; 24.1s,12,18; 34.2,4 e Dt 5.5; 9.9; 10.1,3, nos quais é realizada a revelação do Sinai e a formação do povo de Israel, e então conclui: "não há como negar as ligações entre aqueles textos e o nosso".[20] Portanto, o contexto geográfico parece ter um sentido mais teológico do que especificamente de localização, e já prenuncia a importância do evento da escolha dos doze.

3. ANÁLISE DO TEXTO DA ESCOLHA DOS DOZE

Uma das primeiras análises a ser feita é a questão do significado do número 12, no contexto bíblico e também extrabíblico, para procurar determinar a intenção do uso do mesmo por Jesus na escolha dos seus discípulos. Lurker informa que o número 12 é importante por diversas razões. Ele cita o uso do numeral 12 no contexto extrabíblico:

> A epopeia de Gilgamesh está dividida em doze tábuas; o templo de Marduc em Babilônia tinha doze pórticos. Os egípcios atribuíram ao sol, correspondendo ao seu curso diário de 12 horas, doze diversas formas de aparecimento; o mundo subterrâneo foi dividido em doze regiões. Em várias religiões antigas, eram doze o número dos deuses; em Atenas o altar dos doze deuses no mercado era considerado o ponto central da cidade. A Lei das Doze Tábuas constituía a base do Direito Romano.[21]

[18] ANDERSON, 1994, p. 116.
[19] GUELICH, Robert A. **Mark 1:1 - 8:26**. Nashville: Thomas Nelson, 1989. p. 156.
[20] POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 133.
[21] LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. p. 82.

Já Champlin é da opinião de que, em sonhos e visões, o número 12 refere-se normalmente ao tempo, devido ao fato de existirem 12 horas no dia e 12 meses no ano. O mesmo autor menciona também a relação com os 12 sinais do zodíaco, que, segundo ele, dão a ideia de "destino, orientação, controle e governo universal e provisão".[22]

O número 12 aparece constantemente nos textos bíblicos, relacionado especialmente às tribos de Israel. Podemos ver, por exemplo, o número 12 em Gênesis 35.22, mencionando os filhos de Jacó. Antes disso, em Gênesis 17.20 e 25.16, é relatado que Ismael teria uma descendência de 12 filhos, também chamados de príncipes. A designação das tribos de Israel como sendo doze aparecerá várias vezes como nos textos de Gênesis 49.28, Êxodo 24.4, 28.21, 39.14, Números 1.44, etc. Na dedicação do tabernáculo, em Números 7, o numeral doze também é amplamente utilizado (v. 3, 84, 86, 87), relatando sobre as ofertas de cada uma das tribos. Em Deuteronômio 1.23, foram designados doze espias para a missão de reconhecimento da terra, sendo um representante de cada tribo. Poderíamos citar ainda as doze pedras do peitoral do sacerdote (Êx 28.21), o memorial das doze pedras na travessia do Jordão (Js 4), as doze partes nas quais o levita cortou o corpo da concubina enviando-as a todas as regiões de Israel (Jz 19.29), os doze touros que sustentavam o "mar de fundição" (1Rs 7.25,44), as 12 pedras do altar de Elias no Monte Carmelo (1Rs 18.31), entre outros textos que mencionam o numeral.

Na tentativa de explicar o significado deste número usado tão frequentemente, Chen, em seu livro *Os números na Bíblia*, faz a seguinte explanação sobre o numeral 12:

> É notável verificar que onde encontramos o 12 na Bíblia, ele é geralmente um múltiplo de 4 e 3. Não se trata de simples fantasia, mas o fato é confirmado por um estudo cuidadoso da Palavra de Deus. Por exemplo, na primeira vez que o peitoral é mencionado (e esta é curiosamente a décima segunda vez que o número 12 ocorre nas Sagradas Escrituras, Êx 28.16-20), fica perfeitamente claro e definido como se houvesse um desenho nele, que deveria representar 4 vezes 3: 'Quatro ordens de pedras... quatro ordens de três cada...'
>
> ... Deve haver alguma razão para esta fatoração de 12 em 4 e 3, e os estudiosos devotados da Palavra de Deus, como o Bispo Wordsworth, sugeriram que 4 multiplicado por 3 representa a interpenetração do divino no humano, sendo portanto o número das tribos, porque Deus veio habitar entre os homens,

[22] CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 2, p. 230-231.

> permeando todo o acampamento ou toda a cidade com a Sua presença; assim sendo, 12 é também o número dos apóstolos...
>
> Ivan Panin, estudioso diligente das Escrituras, disse quase a mesma coisa: 'Doze é 3 x 4. A divindade multiplicada no mundo, portanto a regra de Deus estabelecida no mundo entre os homens: Seu reino, igreja, doze tribos, doze apóstolos, doze portas, doze fundamentos'. F. W. Grant, outro homem de Deus, concluiu: '12 é o número da soberania manifesta, como exercida em Israel pelo Senhor no meio deles, ou como será exercida no mundo que virá'.
>
> Enquanto sete é composto de 3 somado a 4, doze é 3 multiplicado por 4, e sete e doze deveriam ser, de alguma forma, unidos em seu significado. ... ambos representam a perfeição: o sete a perfeição temporária, e o doze a eterna; o primeiro se refere ao que é espiritual, o último à perfeição governamental. [...] Recordando que 3 é o número perfeitamente divino e celestial, e que 4 é o número da criação em que o homem é o principal representante, a adição em 3 + 4 significa unir Deus e homem, ou Céu e terra, lado a lado. Todavia, a operação aritmética 'x' em 3 x 4 significa mais do que apenas unir duas partes, lado a lado, mas até mesmo interação. Da combinação, interação ou união, o resultado é intensificação e ampliação de tudo o que os dois números contêm separadamente.[23]

Embora a explicação seja bem criativa, a base do argumento de que o significado do número 12 provém da multiplicação do número 4 por 3 carece de maior sustentação. O único lugar em que essa operação aritmética aparece é na confecção do peitoral do sacerdote, no Antigo Testamento. Talvez se poderia fazer analogia parecida na descrição das portas da Nova Jerusalém (Ap 21.12), embora ali esta configuração não esteja tão clara. No caso do peitoral do sacerdote, são, sim, 4 fileiras de 3 pedras, mas poderia ser simplesmente uma disposição estética ou então prática. Acrescentar ali uma tipologia numérica parece não ser prudente, e mesmo assim careceria de uma confirmação em outro lugar, de acordo com as regras de interpretação da literatura tipológica.[24]

Champlin menciona mais algumas ideias. Por um lado, afirma que "um dos sentidos simbólicos do número doze, nas Escrituras, é o *governo humano*". Ele mesmo,

[23] CHEN, Christian. **Os números na Bíblia**: Moisés, os números e nós. 3. ed. Belo Horizonte: Tesouro Aberto, 2001. p. 119-121.
[24] Cf. ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Tradução de César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 197-214.

entretanto, afirma que nem todo uso bíblico reflete este simbolismo, lembrando que nem sempre os números têm algum significado simbólico.[25] Em outro lugar, afirma que doze é o "número do governo mundial, como também do governo divino e seus arranjos".[26]

Para Lurker, em seu *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*, doze é o "número acabado do povo de Deus". Isto pode ser visto claramente nos doze filhos de Jacó, mencionados em Gênesis 35.22-26, dos quais procedem as doze tribos de Israel.[27]

Neste ponto percebemos a necessidade de um levantamento e análise de alguns dos textos nos quais são mencionados os doze filhos de Jacó e, posteriormente, as doze tribos do povo de Israel. Analisaremos aqui os seguintes textos:

Gn 29-30	Gn 49	Nm 13	Dt 33	Js 13-21	Ez 48	Ap 7
Filhos de Jacó	**Bênção de Jacó**	**Espias das tribos**	**Bênção de Moisés**	**Divisão da terra**	**Divisão da terra**	**144 mil selados**
Aser	Aser	Aser	Aser	Aser	Aser	Aser
Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim
Dã	Dã	Dã	Dã	Dã	Dã	
		Efraim	Efraim	Efraim	Efraim	
Gade	Gade	Gade	Gade	Gade	Gade	Gade
Isaacar	Isaacar	Isaacar		Isaacar	Isaacar	Isaacar
José	José	José/ Manassés	José			José
Judá	Judá	Judá	Judá	Judá	Judá	Judá
Levi	Levi		Levi			Levi
			Manassés	Manassés	Manassés	Manassés
Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali
Ruben	Ruben	Ruben	Ruben	Ruben	Ruben	Ruben
Simeão	Simeão	Simeão		Simeão	Simeão	Simeão
Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom

Nas listas da geração dos filhos (Gn 29 e 30) e da bênção de Jacó (Gn 49) aparecem exatamente os mesmos 12 nomes. Já na lista de Números 13, onde são citados os espias que foram enviados com a missão de reconhecimento de Canaã, falta o nome de Levi

[25] CHAMPLIN, 2001, v. 2, p. 231.
[26] CHAMPLIN, 2001, v. 4, p. 549.
[27] LURKER, 1993, p. 82.

e aparece o nome de Efraim. O nome de Manassés aparece junto com o de seu pai José ("... da tribo de José, isto é, da tribo de Manassés..." [Nm 13.11]).

Na lista da bênção de Moisés (Dt 33), faltam os nomes de Isaacar e Simeão e aparecem novamente os nomes de Levi e José. Chama a atenção o fato do nome de José ser mencionado, mesmo sendo citados os nomes de seus dois filhos, Efraim e Manassés.

Na lista de Josué 13 a 21, que trata da divisão da terra prometida, faltam os nomes de Levi e José, e neste lugar aparecem os nomes dos filhos de José, Efraim e Manassés. Em Ezequiel 48, sobre a divisão futura das terras, a lista das doze tribos apresenta os nomes de Efraim e Manassés (filhos de José), e exclui os nomes de Levi e José.

Finalmente, na lista dos cento e quarenta e quatro mil selados, de Apocalipse 7, reaparecem os nomes de Levi e José e são excluídos os nomes de Dã e Efraim. Chama a atenção que o nome de Efraim é excluído, enquanto o de seu irmão Manassés aparece, ao lado do nome de seu pai, José.

É interessante notar a insistência na manutenção do número 12 para as tribos de Israel nestes textos analisados, mesmo que em pouquíssimas vezes haja concordância nos nomes citados das doze tribos. A impressão que fica é que não importa quem sejam, mas que é necessário um número determinado. Além disso, a *ordem* em que os nomes aparecem nos referidos textos bíblicos também é bastante diversificada, o que corrobora o fato de que não são nem os nomes e nem a sequência o fator mais importante e, sim, a necessidade do número doze ser mantido.

Schmitz lembra que as doze tribos de Israel eram responsáveis pela manutenção e conservação do santuário, sendo que alternavam-se entre elas mensalmente. É interessante perceber que mesmo quando as doze tribos já não existiam mais, e mesmo após a destruição do templo, "o povo de Deus no AT continuava a se entender como sendo as doze tribos do povo de Israel (cf. Gn 49; Js 19.1-22.21; 2Cr 6.60-80; cf At 7.8)".[28] Também os textos de Esdras 6.17 e 8.35 e de Ezequiel 47.13 referem-se às doze tribos quando estas já não existiam mais em sua totalidade. O fato de serem mencionadas dá a entender a necessidade da importância do número doze para o povo de Israel, independente da existência de fato das referidas tribos.

Assim, segundo Bortolini, "doze é número simbólico que significa totalidade".[29] Schmitz concorda com a ideia e afirma que "o número 'doze' nas Sagradas Escrituras

[28] SCHMITZ, E. D. δώδεκα. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1419.
[29] BORTOLINI, 2003, p. 72.

denota primariamente o povo de Deus na sua totalidade".[30] Rengstorf, em seu artigo sobre o número doze no *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, partindo do uso do termo δώδεκα no Apocalipse, também afirma que doze é o número típico da totalidade do povo teocrático, do povo da possessão.[31]

Retornando à análise do texto, Gundry afirma que o tempo presente histórico de ἀναβαίνει (subir) e de προσκαλεῖται (chamar para si) enfatizam a posição e o exercício de autoridade de Jesus (comparado ao chamado de Deus para Moisés subir ao Monte Sinai).[32] Gundry ainda mostra um quiasmo que pode ser visto na perícope de Marcos. Ele destaca o propósito de Jesus de multiplicar esta sua autoridade por meio da escolha dos doze. Nos versos 13 e 14 podemos perceber que:

A -Ele chamou os doze

B - Para os doze estarem junto dEle

B' - Para que os doze estando com Ele

A' - Ele pudesse enviar os doze para...

No versículo 14, embora algumas traduções prefiram a leitura "nomear", "designar" ou "escolher", o verbo grego é ἐποίησεν (de ποιέω), cujo significado básico é "fazer". Desta forma, a tradução aqui poderia ser "e ele fez os doze". Bortolini imediatamente associa esta expressão ao texto de Gênesis 1.1, no qual encontramos a frase: "No começo, Deus *fez* o céu e a terra". Na sua opinião, Marcos e suas comunidades usavam a Septuaginta, a qual utiliza o mesmo verbo (ποιέω) em ambos os textos. Estaríamos, portanto, segundo Bortolini, "diante de um *novo começo* e, ainda mais, diante de uma *nova criação*".[33] Adolf Pohl concorda com este pensamento:

> A Bíblia fala em 'fazer', a mesma linguagem da criação, como em 1 Sm 12.6; Mc 1.17; At 2.36; Hb 3.2; Ap 1.6; 3.12; 5.10 e expressamente Is 43.1; 44.2 com relação ao povo de Israel. Assim como Deus 'fez' o céu e a terra no princípio, seu poder quer agir mais uma vez de modo criativo no fim dos tempos.[34]

Quem eram os doze que foram chamados ou designados por Jesus? Primeiramente, podemos dizer que aqueles que vieram a Jesus, naquele momento, não vieram por seu

[30] SCHMITZ, 2000, p. 1419.
[31] RENGSTORF, R. F. δώδεκα. In: KITTEL, Gerhard (Org.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1979. v. 2, p. 323.
[32] GUNDRY, Robert H. **Mark**: a commentary on his apology for the cross. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. p. 163.
[33] BORTOLINI, 2003, p. 72.
[34] POHL, 1998, p. 134. Em Marcos 1.17, após o "siga-me" da convocação de Jesus a Simão Pedro e André, já havia sido usado o verbo ποιέω, quando Jesus afirmou que "*faria*" deles pescadores de homens.

próprio impulso, mas, sim, de acordo com a vontade de Jesus.[35] Anderson lembra que nem todos os que seguiam a Jesus com a multidão e que procuravam curas e milagres foram escolhidos por Ele.[36]

Podemos aqui observar a diversidade do grupo chamado por Jesus, fato que, no mínimo, chama a atenção. Segundo Bortolini,

> Apesar de serem todos judeus (galileus), tinham atividades diversificadas que podiam entrar em conflito. De fato, teria sido interessante ver Levi cobrando impostos de Simão e André, Tiago e João. Certamente não eram amigos, pelo contrário. Nota-se certa diversidade cultural: André e Filipe são nomes gregos, ao passo que os outros nomes são de origem semítica. A opção política deles não é uniforme. Há um zelote ou cananeu (Simão), partidário da luta armada contra a dominação romana. (Seria interessante saber como se relacionava com Mateus/Levi, colaboracionista). Tiago e João são chamados de 'filhos do trovão', e Lucas 9.54 mostra que isso pode ser traduzido em racismo fanático e intolerante (no caso, contra os samaritanos). No fim, uma nuvem carregada no horizonte: Judas é identificado como traidor.[37]

Criar um grupo como este era um risco muito grande. Mas, como afirmou Pohl, "em Cristo não há nem galileu nem judeiano, nem conservador nem progressista, nem pescador nem cobrador nem zelote. Foi feito algo novo!"[38]

A escolha deste grupo, pela vontade soberana do Senhor, é sublinhada pela expressão "e chamou os que ele mesmo quis". Isso pode ser comparado à afirmação de Jesus em João 15.16: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros". Naquela época os rabinos conseguiam alunos que quando jovens tomavam a decisão de seguir algum mestre. Mas com Jesus é diferente: ele pode até recusar uma solicitação como esta, como, de fato, faz em Marcos 5.19. No caso de Jesus, é Ele que chama a Si os que ele mesmo quer.[39]

Esta soberania de Jesus é ainda mais destacada quando vemos entre os nomes escolhidos o de Judas, que acabou sendo o próprio traidor de Jesus. Por um lado, poderíamos supor que Jesus nem sequer sabia de quem se tratava e que seria o

[35] GOULD, 1969, p. 56.
[36] ANDERSON, 1994, p. 116.
[37] BORTOLINI, 2003, p. 73. Para mais observações sobre os nomes da escolha dos doze, podemos citar o artigo de A. T. Robertson, em sua Harmonia dos Evangelhos (ROBERTSON, A. T. **Uma armonia de los cuatro Evangelios**. 12. ed. El Paso: CBP, 1995. p. 224-227).
[38] POHL, 1998, p. 137. France afirma que o fato dos Doze serem todos homens é atribuído muito mais à situação social daquela época do que a motivos teológicos (FRANCE, 2002, p. 158).
[39] POHL, 1998, p. 133-134.

Seu traidor. Por outro lado, há aqueles que até negam a historicidade de Judas. Collins debate esta questão e afirma que a historicidade dos doze não depende da historicidade de Judas e de sua participação neste círculo. Afirma ainda que o fato de Judas ser o único que provém da Judeia também pode ser suspeito, e que a sua origem pode ter sido explorada fazendo dele um representante simbólico "dos judeus".[40]

Pela vasta atestação nos Evangelhos e em Atos não precisamos supor que a historicidade de Judas seja pouco provável ou até que seja uma invenção da igreja primitiva. Não haveria razões para a igreja inseri-lo no grupo restrito dos Doze, pois esta inserção não seria necessária para que ele fosse o traidor.

A descrição de Judas é curta ("aquele que o traiu"), mas marcante. Nas 24 menções de Judas no Novo Testamento, 22 tratam dele como aquele que traiu Jesus. "Como um dos doze, Judas foi incluído quando Jesus chamou aqueles que ele queria (3.13)".[41]

Para que estes Doze foram chamados? Os versículos 13 a 15 apresentam pelo menos três motivos para os quais os Doze foram escolhidos por Jesus:

a) **Para ficar com Jesus**: antes de "fazer" qualquer coisa, eles precisam "estar" com Jesus. O verso 13 afirma que Ele os chamou para "si mesmo" e eles "foram para junto dele". O verso 14 também deixa claro que Ele os escolheu para que "estivessem com Ele". Bortolini lembra que era necessário "criar uma comunhão estreita e forte. É aquilo que chamamos de espiritualidade. A comunhão e identificação com Jesus devem ser profundas, vivas e sentidas".[42] Segundo Mulholland, "Ele não os chama para ocuparem um cargo ou tomarem parte em uma instituição; Ele os chama para Si mesmo".[43]

b) **Para pregar**: depois de criarem esta intimidade com Jesus, assimilando o Seu caráter, Ele também os designou para pregar. Mateos e Camacho lembram que eles foram encarregados de uma missão universal: "em contraste com o sentido de privilégio e o etnocentrismo do antigo, o novo Israel deve pôr-se a serviço da humanidade".[44] "Recebedores precisam tornar-se doadores. Discípulos precisam tornar-se apóstolos".[45] Em contraste também com a comunidade de Qumran,

[40] COLLINS, Adela Yarbro. **Mark**: a critical and historical commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress, 2007. p. 224.
[41] MULHOLLAND, [199-], p. 71.
[42] BORTOLINI, 2003, p. 72.
[43] MULHOLLAND, [199-], p. 70.
[44] MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 118.
[45] HENDRIKSEN, 1976, p. 123.

que permanecia isolada no deserto, e com os fariseus, que ficavam separados das impurezas das pessoas comuns, os Doze foram chamados de entre a multidão, mas foram enviados de volta para a multidão.[46]

c) **Para exercerem autoridade para expulsar demônios**: em Marcos a conexão entre pregar e expulsar demônios aparece várias vezes (1.22-27; 1.39; 3.7-12; 6.7-12; 9.14-29; etc). Os Doze foram designados também para ter autoridade para expulsar demônios. Hendriksen lembra que receber a autoridade implica ter "o direito e o poder" de expulsar os demônios.[47] Mas, como afirma Mulholland, a autoridade que é colocada à disposição daqueles que estivessem com Jesus "nunca se torna uma possessão deles; permanece sempre autoridade delegada".[48] No capítulo 6 de Marcos, vemos o cumprimento dessa missão dada por Jesus, quando lemos que "eles saíram e pregaram ao povo que se arrependesse. Expulsavam muitos demônios e ungiam muitos doentes com óleo, e os curavam" (v. 12-13).

4. SÍNTESE DO TEXTO DA ESCOLHA DOS DOZE

Ao finalizar a análise do texto da escolha dos doze, retorna justamente a pergunta sobre o porquê deste número específico. Pohl lembra que "Jesus conta até **doze** e então basta. No exato momento em que um número tão grande de adeptos estava à sua disposição (v. 7), ele limita".[49]

Para Gallardo, esta escolha é claramente um "simbólico gesto profético".[50] Ou seja, enquadra-se dentro de nossa busca pelas ações parabólicas de Jesus. Ao revisar os critérios mencionados na introdução para que um texto seja uma ação parabólica, podemos aqui observar o seguinte:[51]

a) **Estilo**: a ação parabólica da escolha dos doze apresentada é uma típica *narrativa*. Neste caso específico, não houve a composição de narrativa e diálogo, comum às ações parabólicas.

b) **Pessoa gramatical**: na narrativa em questão, todos os verbos estão em terceira pessoa.

c) **Tempo verbal**: praticamente metade dos verbos do texto estão no tempo aoristo, o que parece ser uma característica da parte narrativa das ações parabólicas.

[46] MULHOLLAND, [199-], p. 70.
[47] HENDRIKSEN, 1976, p. 124.
[48] MULHOLLAND, [199-], p. 70.
[49] POHL, 1998, p. 134.
[50] GALLARDO, 1996, p. 44.
[51] Cf. KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas**: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. p. 35-40.

d) **Sentença declarativa**: embora não tão evidente como no caso de diálogos, aqui aparece uma sentença declarativa no primeiro versículo da perícope ("subiu ao monte e chamou a si aqueles que ele quis" - v. 13) que precisa ser levada em conta.

e) **Semântica**: podemos perceber no texto a presença de verbos que denotam movimento, como por exemplo ἀναβαίνει (v. 13 - subir), ἀπῆλθον (v. 13 - sair), ἀποστέλλη (v. 14 - enviar), ἐκβάλλειν (v. 15 - expulsar), entre outros. A conjunção καί (muito frequente nas narrativas de ações parabólicas), que ajuda na estrutura interna da narrativa da ação dando a ideia de movimento, aparece 22 vezes nestes 7 versículos.

f) **Metaníveis**: as ações parabólicas têm uma dupla ou até tripla função. Esta dupla ou tripla função pertence à essência da ação parabólica. É justamente este o ponto central da questão em estudo neste texto, ou seja, a descoberta do significado especial do texto.

Segundo Álvarez, aqui "12 é um número simbólico, não somente porque Jesus teve um grupo de seguidoras e seguidores muito mais amplo, mas porque este número aponta para as 12 tribos de Israel".[52]

Quando Champlin alista os diferentes significados do número doze, menciona que existia uma crença judaica de que os grandes profetas do Antigo Testamento reencarnariam e teriam novas missões para o povo de Israel. Com este pano de fundo, afirma que "alguns estudiosos supõem que os doze apóstolos foram reencarnações dos doze filhos de Jacó".[53] Embora esta afirmação pudesse corroborar a analogia entre os doze escolhidos por Jesus e os doze filhos de Jacó, que deram origem ao povo de Israel, ela é inaceitável porque introduz um elemento (a reencarnação) contrário ao ensino do restante das Escrituras (cf. Hb 9.27). Por outro lado, a associação e simbologia entre os doze escolhidos por Jesus e os doze filhos de Jacó não depende deste elemento.

Lurker menciona que Agostinho explica o número doze dos apóstolos "pela ligação dos quatro evangelhos (para as partes da terra) com a Trindade anunciada por eles".[54] A ideia é engenhosa, mas não se sustenta por ser demasiadamente alegórica e não haver respaldo em outros textos bíblicos.

A principal associação que pode ser feita da escolha dos doze é com o "povo de Deus". Segundo Schmitz, "os doze não somente olham para trás, para as doze tribos

[52] ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. p. 34.
[53] CHAMPLIN, 2001, p. 230.
[54] LURKER, 1993, p. 83.

históricas do povo de Israel, como também para frente, para o povo escatológico".[55] Ele continua:

> Tendo em vista que o Reino de Deus acabara de sobrevir a eles, a comissão deles (Mc 3.14-15) dirige sua atuação primariamente a favor das ovelhas perdidas das antigas doze tribos da casa de Israel (Mt 10.6; 15.24), embora também tenham uma função representativa na igreja de após a Páscoa. O povo de Deus no NT pode ser tratado em Tg 1.1 como sendo 'as doze tribos que se encontram na Dispersão' do mundo (cf. 1 Pe 1.1), adotando-se, assim, o título honorífico de 'povo de Deus' do AT, e, além disto, mantém-se uma continuidade da história da Salvação.
> O número 'doze' na descrição da nova Jerusalém (Ap 21.12s) se emprega como expressão da glória dela, que é suficiente para o povo escatológico de Deus - 'o único povo de Deus, na cidade de Deus'.[56]

Para Rengstorf, a escolha dos Doze é uma forma de parábola, que transmite a ideia de que ele escolheu não apenas um grupo de indivíduos, mas, sim, um povo.[57] Schniewind acrescenta a isto a afirmação de que a escolha dos doze é "a escolha do novo povo de Deus, sua separação da multidão". Mais adiante, afirma novamente: "Jesus cria o novo povo das doze tribos, o novo Israel, o novo povo de Deus".[58]

Pohl também concorda que a escolha dos doze refere-se a este novo povo, e esclarece:

> Por trás dos doze, nos quais ele [Jesus] quer se concentrar de maneira especial a partir de agora, estão os 120 de At 1.15, os 3.000 de At 2.41 e os 5.000 de At 4.4, a multidão, para nós incontável, dos 144.000 de Ap 7.4,9 e, por fim, os povos abençoados na nova terra de Ap 21.3,26. Os doze, portanto, são o cerne de um Israel restaurado e de uma raça humana renovada. Por isso, este estreitamento não significa exclusão, nem por um segundo.[59]

Para Hendriksen, o fato de Jesus ter escolhido exatamente doze homens, não mais e nem menos, indica que Ele tinha em mente o novo Israel, pois o antigo Israel tinha doze tribos e doze patriarcas.[60] Este número doze, segundo Anderson, simboliza as doze tribos de Israel (cf. Mt 19.28; Lc 22.30) e mostra que os discípulos foram concebidos

[55] SCHMITZ In: COENEN, 2000, p. 1419-1420.
[56] SCHMITZ In: COENEN, 2000, p. 1420.
[57] RENGSTORF In: KITTEL, 1979, v. 2, p. 326.
[58] SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. p. 55-56.
[59] POHL, 1998, p. 134.
[60] HENDRIKSEN, 1976, p. 124.

como o novo povo de Deus nestes últimos dias, com a missão para com todo o Israel. Anderson lembra ainda que existe pouca, senão nenhuma, evidência confiável sobre conselhos com doze membros no Judaísmo. De acordo com as evidências textuais recentes dos manuscritos do Mar Morto, um conselho tinha provavelmente quinze membros e não doze (cf. 1QS 8.1s).[61]

De acordo com Álvarez, a escolha dos doze também pode ser, no contexto da proclamação do Reino de Deus, uma rejeição à monarquia israelita, na qual as doze tribos tiveram sua importância diminuída, e este número simbólico da escolha de Jesus indicaria um retorno à primitiva confederação das doze tribos.[62] Mas este argumento careceria de maior comprovação.

Aqui precisamos levantar ainda algumas perguntas. Primeiramente a questão da historicidade dos doze. Bultmann, por exemplo, questiona a historicidade dos Doze, entendendo este grupo como uma retroprojeção de uma instituição que surgiu na igreja primitiva quando esta começou a se apropriar das estruturas do Judaísmo.[63]

Schmithalz também levanta questionamentos sobre isto e informa que enquanto Marcos utiliza o termo μαθηταί mais de quarenta vezes, δώδεκα aparece somente dez vezes e estas passagens ainda estariam coletivamente em trechos da tradição mais recente do evangelho de Marcos, mostrando que os "doze" não pertencem originalmente a tradições ligadas a Jesus.[64]

Rigaux informa que, na verdade, são onze ocorrências de δώδεκα no evangelho de Marcos. Ele dispõe estas ocorrências em três diferentes grupos: a) aquelas ligadas ao chamado e comissionamento dos doze: 3.14, 3.16 e 6.7; b) aquelas que abrangem as fórmulas introdutórias aos ditos de Jesus: 4.10, 9.35 e 10.32 e c) aquelas ligadas à história da Paixão: 11.11, e à traição de Judas, um dos Doze: 14.10, 14.17, 14.20 e 14.43.[65]

Em relação aos questionamentos sobre a historicidade deste grupo de doze discípulos, podemos argumentar ao seu favor, pelo menos, devido aos seguintes motivos:

a) Por que razão a igreja primitiva teria incluído Judas Iscariotes neste grupo

[61] ANDERSON, 1994, p. 116.
[62] ÁLVAREZ, 2007, p. 34.
[63] BULTMANN, Rudolf. **The history of the synoptic tradition**. New York: Harper and Row, 1963. p. 345-346.
[64] SCHMITHALS, Walter. **The office of apostle in the early church**. Nashville: Abingdon Press, 1969. p. 69.
[65] RIGAUX, Béda. Die "Zwölf" in Geschichte und Kerygma. In: RISTOW, Helmut; MATTHIAE, Karl. **Der Historische Jesus und der kerygmatische Christus**: Beitraege zum Christusverstaendnis in Forschung und Verkuendigung. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1960. p. 470-471.

dos doze? Para ser o traidor de Jesus, ele não precisaria estar entre os doze. Além disto, segundo Joel Marcus, a presença de Judas no grupo original dos Doze teria sido embaraçosa para a igreja, e seria implausível que a igreja o lembrasse como um dos doze (Mc 3.19) se de fato não tivesse sido.[66]

b) A tradição, que parece ser bem antiga, citada por Paulo em 1 Coríntios 15.3ss, testifica o aparecimento do Cristo ressuscitado para doze discípulos, que, portanto, teriam que ter existido como um grupo antes da Páscoa.[67]

c) A lista dos doze discípulos é testificada por todos os Evangelhos (Mt 10.2,5; 11.1; Mc 3.14-16; Lc 6.13; Jo 6.70), e reiterada logo no início de Atos (1.13).

d) Além disto, dentre os Doze somente dois (Pedro e João) têm uma atuação relevante na igreja primitiva. Qual teria sido, então, a razão da igreja primitiva criar tardiamente esta lista de doze escolhidos? Era de se esperar que, nesse caso, pelo menos fossem pessoas mais influentes na igreja.

Diante destes fatos, torna-se irrelevante o questionamento sobre a historicidade da escolha dos doze. Embora tenha sido levantada a questão, não faz sentido imaginarmos que o grupo dos doze seja apenas uma criação da igreja primitiva.

Outra questão que precisa ser levantada é sobre quem são os doze escolhidos. Nas listas dos doze, no momento em que Jesus faz a escolha, não há problemas. Mas quanto lemos textos como Mateus 19.28 e Lucas 22.30, que relatam sobre os doze tronos nos quais se assentarão aqueles que julgarão as doze tribos, ou Apocalipse 21.14, que declara que nos doze fundamentos da cidade (Nova Jerusalém) estão os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro, podemos perguntar: "Quem são, afinal, os doze?"

Com pequenas variações nos nomes (se era Natanael ou Bartolomeu, por exemplo), podemos facilmente definir onze deles. A pergunta que permanece é: Quem é o décimo segundo? Judas, Matias ou Paulo? Judas suicidou-se. Matias é escolhido como seu substituto, mas ele não é mais citado após a sua escolha em Atos 1. Paulo chega somente um tempo depois e parece ocupar a décima segunda vaga.

É interessante observar ainda, nesta discussão, o texto de 1 Coríntios 15.5, que afirma que depois da ressurreição Jesus apareceu aos "doze". Naquele momento, Judas já havia se suicidado e seu substituto ainda não fora escolhido. Como então apareceu aos doze?

[66] MARCUS, Joel. **Mark 1 - 8**: a new translation with introduction and commentary. New Haven and London: Yale University Press, 2000. p. 262-263.
[67] ANDERSON, 1994, p. 119.

Estas percepções colocam ainda mais em evidência que o número doze e a escolha que Jesus faz é, de fato, uma ação parabólica, com a qual Jesus quer demonstrar algo, além do grupo de discípulos em si. O fato de haver mudança nos nomes - assim como no caso dos nomes das doze tribos, analisado anteriormente - deixa ainda mais claro que o que importa é a mensagem simbólica por trás do ato da escolha dos doze, e não os nomes em si. Também, como já observado acima, dentre os doze escolhidos poucos deles têm, de fato, uma atuação relevante nos primórdios do novo povo escolhido. Isso pouco importa: é fundamental, entretanto, que tenham sido doze.

Concluindo a discussão sobre a escolha dos doze, podemos lembrar ainda que para Collins a passagem de Marcos 3.13-19 precisa "ser vista no contexto da expectativa da restauração das doze tribos de Israel nos últimos dias".[68] Schweizer concorda, afirmando que "a escolha dos doze parece indicar o desejo de Jesus de estabelecer o novo povo de Deus - o Israel do fim dos tempos".[69] Isso fica ainda mais evidente pelo fato de Jesus não estar escolhendo um grupo seleto, fechado ou separado, como os fariseus ou os ascetas de Qumran. Jesus está chamando todo o Israel, o que é comprovado pelo envio dos doze como mensageiros (Mc 3.14; 6.7-13).

Para Guelich, a escolha dos doze tem um grande significado como um indicativo da ação de Deus na história por meio de Jesus Cristo para com o seu povo. Chamando e designando os "doze", Jesus estabeleceu o ministério do Reino no contexto da promessa de Deus de restaurar todo o Israel, e a designação dos doze está em continuidade com a atividade divina para com o Israel histórico. Ao mesmo tempo, os doze são chamados e designados sem vínculos físicos para as doze tribos de Israel. Assim, eles representam a descontinuidade escatológica do novo povo de Deus em relação ao Israel histórico.[70]

REFERÊNCIAS

ALAND, K. et al. (Edit.). **The greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.

ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. 154 p.

[68] COLLINS, 2007, p. 216.
[69] SCHWEIZER, c1970, p. 81.
[70] GUELICH, 1989, p. 165.

ANDERSON, Hugh. **The gospel of Mark**. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. 366 p. (Série: The new century bible commentary).

BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos**: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003. 278 p. (Série: Bíblia e cotidiano).

BRUCE, A. B. **The training of the twelve**. Grand Rapids: Kregel Publications, 1974.

BULTMANN, Rudolf. **The history of the synoptic tradition**. New York: Harper and Row, 1963.

CALLE, Francisco de la. **Teologia de Marcos**. Tradução de José Raimundo Vidigal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. 143 p.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. 6 volumes.

_____. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. 6 volumes.

CHEN, Christian. **Os números na Bíblia**: Moisés, os números e nós. 3. ed. Belo Horizonte: Tesouro Aberto, 2001. 221 p.

COLLINS, Adela Yarbro. **Mark**: a critical and historical commentary on the Bible. Minneapolis: Fortress, 2007. 894 p.

FRANCE, R. T. **The gospel of Mark**: a commentary on the Greek text. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Galileia ano 30**: para ler o Evangelho de Marcos. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996.

GOULD, Ezra P. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark**. Edinburg: T. & T. Clark, 1969. 317 p.

GUELICH, Robert A. **Mark 1:1 - 8:26**. Nashville: Thomas Nelson, 1989. 454 p. (World biblical commentary).

GUNDRY, Robert H. **Mark**: a commentary on his apology for the cross. Grand Rapids: Eerdmans, 1992. 1069 p.

HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary**: the gospel of Mark. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976. 700 p.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas**: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. 83 p.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.

MARCUS, Joel. **Mark 1 - 8**: a new translation with introduction and commentary. New Haven and London: Yale University Press, 2000.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998. 390 p. (Série: Comentários bíblicos).

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010. 622 p.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. 240 p.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p. (Comentário Esperança).

RENGSTORF, K. F. δώδεκα. In: KITTEL, Gerhard (Org.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1979. v. 2, p. 323-328.

RIGAUX, Béda. Die "Zwölf" in Geschichte und Kerygma. In: RISTOW, Helmut; MATTHIAE, Karl. **Der Historische Jesus und der kerygmatische**

Christus: Beitraege zum Christusverstaendnis in Forschung und Verkuendigung. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1960. p. 468-486.

ROBERTSON, A. T. **Uma armonia de los cuatro Evangelios**. 12. ed. El Paso: CBP, 1995. 259 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**: Mateo y Marcos. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988. v. 1. 416 p.

SCHMITHALS, Walter. **The office of apostle in the early church**. Nashville: Abingdon Press, 1969. 288 p.

SCHMITZ, E. D. δώδεκα. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1419-1420.

SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. 247 p.

SCHWEIZER, Eduard. **The Good news according to Mark**. Atlanta: John Knox Press, c1970. 395 p.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. Tradução de César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.